



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE ENSINO
DIREÇÃO DE EDUCAÇÃO SUPERIOR
COORDENAÇÃO DE CURSO DA LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA
PLANO NACIONAL DE FORMAÇÃO DOS PROFESSORES DA EDUCAÇÃO
BÁSICA - PARFOR
CAMPUS SOUSA**

AURICELIA GONÇALVES PINHEIRO

OS SABERES DA DANÇA DO REISADO NO GRUPO ZÉ DE MOURA

SOUSA/PB

2017

AURICELIA GONÇALVES PINHEIRO

OS SABERES DA DANÇA DO REISADO NO GRUPO ZÉ DE MOURA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Educação Física (PARFOR) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – Campus Sousa como requisito parcial para a obtenção do título de licenciado em Educação Física.

Orientador: Me. Fábio Marques Bezerra

SOUSA/PB

2017

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Edgreyce Bezerra dos Santos – Bibliotecária CRB 15/586

G635s

Pinheiro, Auricelia Gonçalves.

Os saberes da dança do reisado no grupo Zé de Moura. / Auricelia Gonçalves Pinheiro. - Sousa, 2017.
40 p.

Orientador: Me. Fábio Marques Bezerra.

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Licenciatura em Educação Física – IFPB Sousa.

1 Educação não formal. 2. Dança. 3. Conhecimento popular. 4 Reconhecimento Cultural – Reisado. I Título.

IFPB / BC

CDU – 796.1

CNPJ nº 10.783.898/0004-18

Rua Presidente Tancredo Neves, s/n – Jardim Sorrilândia, Sousa – PB, Tel. 83-3522-2727/2728

CURSO SUPERIOR DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA
PROGRAMA NACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA A
EDUCAÇÃO BÁSICA - PARFOR

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

Título: “OS SABERES DA DANÇA DO REISADO NO GRUPO ZÉ DE MOURA”

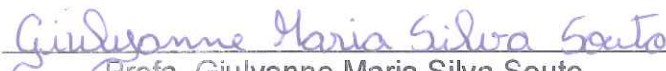
Autor(a): Auricelia Gonçalves Pinheiro

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, Campus Sousa como parte das exigências para a obtenção do título de Licenciado(a) em Educação Física.


Aprovado pela Comissão Examinadora em: 28 / 07 / 2017.



Prof. Fábio Marques Bezerra
IFPB – Campus Sousa
Professor(a) Orientador(a)



Profa. Giulyanne Maria Silva Souto
IFPB – Campus Sousa
Examinador 1



Prof. Nadiel Cavalcante de Sousa
IFPB - PARFOR – Campus Sousa
Examinador 2

Dedico este trabalho a....

Matheus e Ana Carolina, meus filhos, minhas razões de viver.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me dado saúde e força para superar cada momento do curso.

Ao meu orientador, professor e mestre Fábio Marques Bezerra, pelo incentivo, suporte e pelas correções de toda a pesquisa.

Ao coordenador, professor e mestre Richardson Correia Marinheiro, pela oportunidade de ser o autor principal do PARFOR no Campus Sousa – PB.

Aos meus filhos, Matheus e Ana Carolina, pelo apoio e incentivo e compreensão na minha ausência.

A única finalidade do saber adulto é permitir que a criança que mora em nós continue a brilhar. (Rubem Alves, 1994)

RESUMO

Esta pesquisa busca tratar o conhecimento popular através do reconhecimento cultural da dança do Grupo de Reisado “Zé de Moura”, levando em consideração a importância do grupo dentro do contexto local e as formas de transmissão deste conhecimento popular, ocorrendo em um espaço não formal de educação. Para atender ao propósito desta pesquisa, considerada exploratória, descritiva e de campo, houve a investigação da história e dos saberes populares com membros do grupo de reisado da cidade de Poço de José de Moura – PB, bem como com pessoas daquela cidade que tiveram contato com o fundador, o “místico” José Alves de Moura, e verificou-se que a influência deste elemento cultural é bastante forte e fluente em espaços não formais, no processo de educação, formação e integração de assuntos críticos, contribuindo com a identidade cultural e respeitando a diversidade através da dança do reisado.

PALAVRAS – CHAVE: Conhecimento; educação não formal; dança; cultura popular.

ABSTRACT

This research seeks to deal with popular knowledge through the cultural recognition of the dance of the "Zé de Moura" Reisado Group, taking into account the importance of the group within the local context and the forms of transmission of this popular knowledge, occurring in a non formal space of education. To meet the purpose of this research, considered exploratory, descriptive and field, there was the investigation of history and popular knowledge with members of the reisado group of the city of Poço de José de Moura - PB, as well as with people from that city that had contact With the founder, the "mystic" Jose Alves de Moura, and it was verified that the influence of this cultural element is quite strong and fluent in non formal spaces, in the process of education, formation and integration of critical subjects, contributing with the cultural identity And respecting diversity through the dance of the reisado.

KEY WORDS: Knowledge; Non-formal education; dance; popular culture.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<i>Figura 1. Folia de Reis.....</i>	<i>18</i>
<i>Figura 2. José de Moura.</i>	<i>19</i>
<i>Figura 3. Damas do Reisado.....</i>	<i>21</i>
<i>Figura 4. Os caboclos.....</i>	<i>22</i>
<i>Figura 5. A representação do Rei.</i>	<i>23</i>
<i>Figura 6. O grupo de Reisado.</i>	<i>24</i>
<i>Figura 7. Os animais do Reisado.....</i>	<i>24</i>
<i>Figura 8. A burrinha do Reisado.....</i>	<i>25</i>
<i>Figura 9. O Reisado em Olímpia.</i>	<i>26</i>
<i>Figura 10. Grupo de Reisado atual.....</i>	<i>27</i>

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. CULTURA POPULAR, REISADO E EDUCAÇÃO NÃO FORMAL	12
2.1. Conceitos e significados da cultura popular	12
2.2. Educação não formal	15
2.3. Reisado	16
2.4. Reisado Zé de Moura, “Reisado de Retorno”	17
2.5. Saberes populares e o reisado	20
3. ARTE E SABERES DO REISADO ZÉ DE MOURA	21
4. A MINHA HISTÓRIA NO REISADO ZÉ DE MOURA EM VERSOS.....	27
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
6. REFERÊNCIAS	38

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como título *Os Saberes da Dança do Reisado no Grupo de Reisado Zé de Moura*, e busca investigar sobre o reisado enquanto manifestação dos saberes da cultura popular e da educação não formal.

O grupo pesquisado foi o Zé de Moura, cuja tradição foi deixada pelo místico José Alves de Moura e, agora, chega a 100 anos de cultura popular na cidade de Poço de José de Moura (PB), sendo assim com este tempo de existência do grupo é possível que o mesmo tenha passado para as pessoas que dançam e seus expectadores os seus saberes culturais.

O grupo busca trabalhar os saberes populares através do reconhecimento cultural, tendo-se em vista a importância do grupo dentro do contexto local. Tanta importância que há no município pesquisado uma Associação de Reisados, assim como é considerado a *Terra da Cultura*, conforme um projeto aprovado pela Câmara de Vereadores da cidade. E a transmissão desses saberes populares se dá numa educação não formal.

Segundo Maria da Glória Gohn (2003), a educação não formal é aquela que se aprende “no mundo da vida”, via processos de compartilhamentos de experiências, principalmente em espaços e ações coletivas. Portanto, faz-se necessária a construção de saberes e ideias de acordo a necessidade e realidade nos processos participativos das ações coletivas dentro dos movimentos sociais que a cultura do reisado se faz presente.

Assim viver esta experiência do reisado é bem gratificante, pois traz uma vasta vivência e experiência de uma manifestação artística, cultural e popular nos diferentes espaços, pode gerar contribuições no desenvolvimento integral dos indivíduos, de transformá-los através da sua expressão corporal, comunicação, autonomia e confiança nos modos de pensar e agir. Além disso, o reisado pode melhorar a relação com o outro, construir-se a partir de novos movimentos na dança e expressar sentimentos e emoções na sua prática.

Partindo destas vivências e experiências com crianças e adultos do Reisado Zé de Moura, surgiu a ideia de questionar o que a dança do grupo representa para os mesmos, dentro dos saberes e de uma educação não formal. Para isso, aponta-se o seguinte problema desta pesquisa: *O que constitui a transmissão dos saberes enquanto cultura popular e de espaço não formal no reisado Zé de Moura?*

O objetivo geral desta pesquisa é investigar como se constitui a transmissão dos saberes da dança no Reisado Zé de Moura enquanto elemento identitário da cultura popular e espaço de educação não formal. E são objetivos específicos: identificar aspectos da cultura

popular e da educação não formal na transmissão de saberes do reisado; registrar informações sobre o Grupo de Reisado Zé de Moura e a sua participação na transmissão de saberes em um espaço não formal de educação; e compreender como os saberes da dança do reisado podem atuar no desenvolvimento integral do indivíduo.

A pesquisa desenvolvida foi qualitativa, descritiva e de campo. Configura-se como qualitativa porque, segundo Minayo (2003), a pesquisa tratou basicamente do conjunto de técnicas a ser adotada para construir uma realidade que não pode ser quantificada. Foi também uma pesquisa descritiva, pois, de acordo com Selltiz et al. (1965), buscou descrever um fenômeno ou situação em detalhe, especialmente o que ocorre, permitindo abranger as características de um indivíduo, uma situação ou um grupo, bem como desvendar as relações entre os eventos. E houve o estudo de campo, que, para Bruyne, Herman e Schoutheete (1977), procura muito mais o aprofundamento das questões propostas do que a distribuição das características da população segundo determinadas variáveis. Como consequência, o planejamento do estudo de campo apresenta maior flexibilidade, podendo ocorrer mesmo que seus objetivos sejam reformulados ao longo da pesquisa.

O presente estudo contou com a coleta de documentos, como os registros inaugurais do Grupo e portfólios com fotos e recortes de jornais, e demais fontes no arquivo de atividades do Grupo de Reisado Zé de Moura, onde foram feitas entrevistas com integrantes representativos do grupo: José Vandervan e Francisco Cazuzza Sobrinho. Além disso, houve o tratamento de informações a partir de documentação apresentada no acervo do grupo, bem como em leituras de livros, artigos científicos e trabalhos acadêmicos nas áreas de Educação, e Antropologia, entre os meses de janeiro e março de 2017.

A pesquisa foi distribuída de forma que o primeiro bloco, CULTURA POPULAR, REISADO E EDUCAÇÃO NÃO FORMAL, apresenta uma revisão de literatura que aborda as características gerais da cultura popular e educação não formal, bem como a historicidade do reisado. No segundo bloco, ARTE E SABERES DO REISADO ZÉ DE MOURA, abrangem-se as particularidades da temática, com ênfase ao Grupo de Reisado Zé de Moura.

A presente pesquisa também apresenta um bloco feito em versos, A MINHA HISTÓRIA NO REISADO ZÉ DE MOURA EM VERSOS, narrando a minha história no grupo de reisado, desde o seu início até os dias atuais, numa longa experiência dentro da cultura popular em várias cidades no sertão paraibano, levando a música, o canto, a dança, o brilho e as entoadas, onde o público se diverte e aplaude o espetáculo com muita euforia e entusiasmo.

2. CULTURA POPULAR, REISADO E EDUCAÇÃO NÃO FORMAL

2.1. CONCEITOS E SIGNIFICADOS DA CULTURA POPULAR

Na área da Antropologia simbólica, a cultura é vista como um mapa, um receituário, um código através do qual as pessoas de um dado grupo pensam, classificam, estudam e modificam o mundo e a si mesmos. É justamente porque compartilham de parcelas importantes deste código (a cultura) que um conjunto de indivíduos com interesses e capacidades distintas e até mesmo opostas transformam-se num grupo e podem vir juntos sentindo-se parte de uma totalidade. A partir da década de 1970 surge a Antropologia Simbólica/Interpretativa, revelando uma concepção diferente do que se pensava até então. Nesta linha de estudo, a cultura é um sistema de símbolos, que expressa na interação social, onde os atores comunicam e negociam significados (GEERTZ, 1989). Desenvolve-se aí a definição de cultura como sistemas entrelaçados de símbolos interpretáveis: um contexto dentro do qual os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos podem ser descritos com densidade, conforme as concepções geertzianas originais.

Paulo Freire, em seus escritos, diz que a cultura é abordada como sendo toda criação humana e é um conceito central para as suas propostas de educação. Valoriza a ligação de cada sujeito ao seu mundo, seus valores, saberes e problemas. Então, a cultura, na dimensão gnosiológica, codifica situações existenciais, dialogando como os participantes de um “círculo”, decodificando a realidade do educando, até que ele se descubra na realidade, que não se lhe está mostrando nada de novo, e sim refrescando-lhe a memória. É nesta perspectiva que a leitura das obras de Freire pode ser entendida, aproximando-se as dimensões de cultura, em que os sujeitos participantes do “círculo” aprendem o sentido gnosiológico, compreendem as perspectivas antropológicas da cultura, transcendendo-a como códigos e significados negociados e resignificados de forma dinâmica.

A cultura, segundo Geertz (1989), sustenta a construção coletiva totalmente influenciada pela representação explícita e expressão verbal. O significado de cultura mais antigo aborda o refino, a boa educação, a formação intelectual e humana; tem a sua correspondência nos gregos e latinos, ligando-se à educação do homem como tal, isto é, a educação às “boas artes” próprias do ser humano e que o diferenciam de todos os outros seres animados. Este domínio é fortemente conectado com a cultura erudita.

A cultura, em outro sentido, integra-se nos diferentes mecanismos sociais que perpassam pelo universo simbólico-espacial do agente. O corpo tem um papel determinante como filtro e percepção cultural, seja através dos sentidos ou compreendido como experiência. Na formação do universo cultural têm-se diferentes níveis de compreensão, seja nas formas de aprendizado ou na influência do meio ambiente. O termo cultura, empregado como sinônimo de civilização, através da tradição iluminista, é interpretado por seus elementos individuais, o chamado agente social e/ou histórico. Neste sentido, o sociólogo alemão Norbert Elias aponta uma ideia de civilização representada por um coletivo que define certas normas, mas que, inserido nesta teia de significados, o ser humano procura sua formação cultural, com características múltiplas de relacionamento no pensar e agir (ELIAS, 1984).

Cabe aqui destacar alguns teóricos da cultura, como Ecléa Bosi (1986), que atenta para o caráter dominador da cultura de massa frente às outras duas designações de cultura. Nesta interpretação, a partir de leituras de Adorno e Horkheimer, a crise da cultura popular leva à concepção da cultura de massa, sendo uma nova era para a cultura média incorporada por todos. Além de Bosi, outros autores, como Edgar Morin e Walter Benjamim, acusam a cultura de massa de não ser orgânica, mas exterior e manipuladora da inteligência e sensibilidade. Mais recentemente, Habermas reinterpreta as colocações da Escola de Frankfurt sobre a indústria cultural e cultura de massa, resumindo-se na forte presença do mundo da vida na reinterpretação da cultura de massa (ALMEIDA, 2003). Já Morin, na mesma linha de Walter Benjamim, aborda a cultura de massa através da perda da sensibilidade denominando-a “segunda industrialização”, a ser a industrialização do espírito (MORIN, 1997). Para o autor, a industrialização é uma terceira cultura oriunda da imprensa do cinema, do rádio, da televisão, que surge, desenvolve-se, projeta-se, ao lado das culturas clássicas e nacionais.

O termo “cultura popular”, por sua vez, remete-se às manifestações coletivas, geralmente no espaço não urbano. Ao pensar a cultura popular, o folclore e os ritos antigos são os primeiros a serem lembrados. Esta alusão do popular e rural está presente na própria constituição do capitalismo, já que a exploração da terra, o êxodo rural são características da formação do proletário urbano (FERNANDES, 1998). O processo de apropriação da cultura popular pelas massas é complexo e incorpora aspectos como a perda da identidade, o afastamento dos símbolos sagrados coletivos, a destruição de uma moral campesina e o patriarcalismo.

A cultura popular tem como principal característica a sociabilidade, enquanto as atividades industriais são voltadas à exacerbação do individualismo e disseminadas enquanto mercadorias. Como descrito por Bosi (1986), a indústria cultural tenta suplantar a cultura popular. Segundo Habermas (1987), por exemplo, sempre existirão tentativas de exterminar os valores de consumo. A incorporação do popular pelo mercado de trabalho é infinito, já que a própria indústria cultural nasce do mundo da vida, e posteriormente desvincula-se da cultura popular através da sua complexificação sistêmica, passando a colonizá-la.

Apontamos, através do referencial habermasiano, que a cultura popular é re – apropriada, re-significada, numa evolução da própria construção social. Segundo Canclini (1997), as culturas populares conseguem ser atualmente prósperas e, ao mesmo tempo, híbridas. O desenvolvimento moderno não teria suprimido as culturas populares. As culturas tradicionais desenvolveram-se e também transformaram-se por vários motivos. Podem não ter sido inteiramente incorporadas à ação do Estado ou integraram-se parcialmente nos circuitos comerciais do artesanato, da festa, da música e do turismo. Por razões culturais e também econômicas, percebe-se a continuidade da produção cultural dos setores populares. O importante, então, diferentemente da perspectiva do folclorista, não seria buscar o que não muda, mas o porquê e o como muda e interage com a modernidade.

Esse autor também defende que se deva levar em consideração que o popular não se concentra em objetos. O importante são as mudanças de significados, resultantes de interações. A arte popular, por exemplo, não seria uma coleção de objetos; nem a ideologia subalterna um sistema de ideias, nem repertórios fixos de práticas. O popular não é um monopólio dos populares. Não se pode mais buscar uma identidade de ouro da cultura popular no sentido de ter estado independente, sem contato de espécie alguma. Uma mesma pessoa pode participar de vários grupos e circuitos culturais. Nos fenômenos culturais populares, vistos como folclóricos ou tradicionais, intervêm os ministérios, as fundações privadas, empresas de bebidas, rádio e televisão, agentes populares e hegemônicos, rurais e urbanos, locais, regionais, nacionais e transnacionais. Enfim, eles são multideterminados.

E, por último, insiste-se na ideia do popular como uma manutenção melancólica das tradições. A transgressão da tradição é também, muitas vezes, vista com humor. Uma festa por exemplo, pode não acabar com as hierarquias e desigualdades, mas promove uma relação mais livre e mais criativa com as tradições herdadas.

Por fim, segundo Canclini (1997), é necessário desconstruir esta divisão entre a cultura erudita, a cultura popular e a cultura de massa, e investigar o que se denominou de hibridismo. Em sua perspectiva, nada é puro, as culturas são híbridas.

2.2. EDUCAÇÃO NÃO FORMAL

Define-se a educação não formal como toda atividade educacional organizada, sistemática, executada fora do quadro do sistema formal para oferecer tipos selecionados do ensino a determinados subgrupos da população (LA BELLE, 1982).

A educação não formal estendeu-se de forma impressionante nas últimas décadas em todo o mundo como “educação ao longo de toda a vida” (conceito difundido pela UNESCO), englobando toda sorte de aprendizagem para a vida, para a arte de bem viver e conviver.

Para Fávero (1980) *apud* Cazelli (2000), a educação não formal é “qualquer tentativa educacional organizada e sistemática que se realiza fora dos quadros do sistema formal (de ensino) para fornecer determinados tipos selecionados de aprendizagem a subgrupos específicos da população, tanto de adultos como de crianças” (p. 24). Assim definida, a educação não formal incluiria, por exemplo, programas de extensão rural e treinamento de agricultores, programas de alfabetização de adultos, treinamento profissional dado fora do sistema formal, diversos programas comunitários, de educação sobre saúde, nutrição, planejamento familiar, cooperativismo.

Outro autor indicado por Cazelli (2000) é Chagas (1999), que entende que “a educação não formal é veiculada pelos museus, meio de comunicação e outras instituições que organizam eventos de diversas ordens, tais como cursos livres, feiras e encontros, com o propósito de ensinar ciência a um público heterogêneo” (p. 24).

Gohn (1999) também vem discutindo com bastante ênfase a temática da educação não formal. Ela enfatiza sua opção por uma concepção ampla de educação, associada ao conceito de cultura. Indica, desse modo, que esta modalidade de educação trata de um processo com várias dimensões, relativas à aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadãos; capacitação dos indivíduos para o trabalho, por meio de aprendizagem de habilidades; aprendizagem e exercício de práticas que habilitam os indivíduos a se

organizarem com objetivos voltados para a solução coletivas; e aprendizagem e a educação desenvolvida na e pela mídia, em especial a eletrônica.

Essa autora destaca os vários espaços de educação não formal como associações de bairro, os sindicatos, as organizações não governamentais, os espaços culturais e as próprias escolas, ou seja, nos espaços interativos dessas com a comunidade educativa. Entretanto, a educação não formal não contempla experiências vivenciadas com os pais na família, no convívio com amigos, clubes, teatros, leitura de jornais, livros, etc, sendo estas categorizadas como educação informal, já que possuem caráter espontâneo e permanente. Desse modo, a educação não formal teria como pressuposto a formação para cidadania e a aprendizagem nesse caso se dá por meio das práticas sociais.

Para Gadotti (2005), as principais diferenças entre o ensino formal e não formal são a hierarquia e a burocracia que há nos espaços formais e que não são necessárias nos espaços não formais de ensino. A educação formal tem objetivos claros e específicos e é representada principalmente pelas escolas e universidades. Ela depende de uma diretriz educacional centralizada como o currículo, com estruturas hierárquicas e burocráticas, determinadas em nível nacional, com órgão fiscalizadores dos ministérios da educação. A educação não formal é mais difusa, menos hierárquica e menos burocrática. Os programas de educação não formal não precisam necessariamente seguir um sistema sequencial e hierárquico de “progressão”. Podem ter duração variável, e podem, ou não, conceder certificados de aprendizagem.

2.3. REISADO

O reisado é uma dança popular profano-religiosa, de origem portuguesa, com que se festeja a véspera e o Dia de Reis. No período de 24 de dezembro a 6 de janeiro, um grupo formado por músicos, cantores, cantoras e o rei vão de porta em porta cantando e anunciando o nascimento de Jesus, e prestando homenagem ao Reis Magos, estendendo-se até fevereiro para a prática ritual do enterro do boi (ou divino) e fazendo louvações aos donos das casas por onde passam e dançam.

Essa manifestação popular chegou ao Brasil através dos colonizadores portugueses, que ainda conservam a tradição em suas pequenas aldeias, celebrando o nascimento do Menino Jesus. No Brasil é uma espécie de revista popular, recheada de histórias folclóricas, mas sua essência continua a mesma, com uma mistura de temas sacros e profanos.

O reisado se compõe de várias partes e tem diversos personagens como o rei, o mestre, contramestre, figuras e moleques. Os instrumentos que acompanham o grupo são violão, sanfona, ganzá, zabumba, triângulo e pandeiro. Durante a brincadeira, pessoas de destaque são envolvidas no diálogo. Aliás, sátira, humor e picardia são elementos próprios do reisado.

Sua principal característica é a farsa do boi, que constitui um dos entremeios ou entremeses, onde ele dança, brinca, é morto e ressuscitado. A figura do boi surge no meio da brincadeira, provocando delírio na plateia, pois, que ele entra na roda, consegue trazer consigo toda a magia, todo um movimento de fascínio e fantasia (ANDRADE, 1982).

No Brasil, o reisado é espalhado em quase todo o território com os nomes de Reis, Folia de Reis, Boi de Reis ou apenas Reisado, sofrendo algumas alterações conforme o lugar onde é apresentado, sendo tal folguedo do ciclo natalino comemorado principalmente no Norte e Nordeste, onde ganhou cores, formas e sons regionais.

2.4. REISADO ZÉ DE MOURA, “REISADO DE RETORNO”

O Reisado Zé de Moura é de retorno porque nos primeiros versos o grupo canta e conta a história dos três Reis Magos em sua visita ao Menino Jesus e a oferta dos presentes: ouro, incenso e mirra. Porém, antes deles chegarem a Belém, tinham passado por Herodes, que dizia também querer homenagear o futuro rei dos judeus. Herodes pediu aos Reis Magos que ao retornarem da visita passassem por seu palácio e comunicasse onde ele podia encontrar a criança, pois também queria adorá-lo.

Os Reis Magos ficaram maravilhados com o contexto em que o Filho de Deus nasceu, compreenderam que toda a riqueza e pompa eram coisas supérfluas. Passaram a louvar a Deus e saíram cantando e brincando. No seu trajeto de volta para seus palácios foram avisados por um anjo do Senhor que não dissessem a Herodes onde Jesus estava, pois Herodes pretendia matá-lo.

Contudo, eles tinham que retornar pelo mesmo caminho de onde vieram. Surge, então, a ideia de se despojarem de suas vestes de luxo e voltaram usando máscaras e trapos, uma forma de louvor a Deus pelo seu despojamento e de enganar a Herodes. Retornaram pedindo esmolas e cantando por onde passavam. Não foram reconhecidos como reis, mas como mendigos. Por este motivo, o Reisado Zé de Moura realiza anualmente a Folia de Reis, onde sai de casa em casa cantando e pedindo contribuição em referência aos três Reis Magos.

Figura 1. Folia de Reis



Fonte: Arquivo particular

O reisado chegou ao município de Poço de José de Moura (PB) no início da década de 1920, trazido por José Alves de Moura, provavelmente oriundo do Ceará, para onde ele viajou diversas vezes e pelas características identificadas há traços da tradição cearense, mas também das tradições pernambucana e potiguar. Diferente dos estilos mais comuns no Nordeste, o Reisado Zé de Moura diferencia-se por apresentar em seu espetáculo música, danças, teatro e versos cômicos falando do cotidiano, seja elogiando, seja criticando, seja contando a história de um evento ou pessoa, personagens folclóricas, além do estilo de apresentação que segue originalmente à mesma sequência com que Zé de Moura apresentava o seu grupo.

Numa nova versão, criada em 1988, há diferenças em relação à primeira formação, quando o reisado saía apenas para dançar e cantar nas residências de vilas e fazendas. Atualmente, o grupo realiza apresentações em festas religiosas, sociais, eventos culturais, educacionais, entre outros.

Outra característica que também foi modificada em relação aos anos iniciais foi a participação feminina, pois até 1966 apenas homens podiam participar do reisado, ou seja, na época, as damas eram homens vestidos de mulheres, e para diferenciá-los dos galantes, eles não usavam coroa, mas sim um chapéu cheio de fitas cobrindo todo o rosto.

Em 1920, Zé de Moura, grande ativista cultural, começou a sair com o grupo de reisado: apresentava-se nas residências de amigos, fazendas, casas de compadres e conhecidos, sempre no período das festividades natalinas e no período de reis, festejando,

assim, a chegada e o nascimento do Menino Deus e prestando a sua homenagem aos Reis Magos.

Figura 2. José de Moura



Fonte: Arquivo particular

Em 1966 Zé de Moura faleceu, e com isso, o grupo de reisado ficou esquecido por muitos anos, até que no final da década de 1980, José Braz Torres e José Francisco de Oliveira pediram à professora Florentina Gonçalves Pinheiro que preparasse uma apresentação única do reisado para prestar uma homenagem a Zé de Moura no centenário de seu nascimento. Foi o início de uma nova fase para o reisado no sertão paraibano, que voltou de forma esporádica nos anos 1990 e início de 2000, retomando de forma ativa em 2011, com 91 anos de tradição cultural, quando foi criada a Associação de Reisados de Poço de José de Moura, numa perspectiva de consciência da valorização cultural a todos os que participam do grupo e também na comunidade local.

Atualmente, o grupo de reisado mantém toda a tradição e os costumes de Zé de Moura, acrescentando uma renovação no figurino, buscando ficar o mais original possível. Outra inovação foi a inclusão de mulheres no grupo. Nessa nova versão, também houve a inclusão de novos instrumentos e, por fim, resgatou-se a sequência original apresentada por Zé de Moura, com a apresentação dos seguintes personagens: o rei, as damas, os galantes, a burrinha, o boi, os caboclos, o Jaraguá, os músicos, a alma, o diabo e o cravo.

2.5. SABERES POPULARES E O REISADO

Os saberes populares, manifestados como chás medicinais, artesanatos, mandigas, culinárias, entre outros, fazem parte da prática cultural de determinado local e grupo coletivo. São conhecimentos obtidos empiricamente a partir do “fazer”, que são transmitidos e validados de geração em geração, principalmente por meio da linguagem oral, de gestos e atitudes (GONDIM, 2007). Algo bem comum a quem pertence a grupos culturais, como o Grupo de Reisado Zé de Moura.

Para Chassot (2006, p. 08), “os saberes populares são os muitos conhecimentos produzidos solidariamente e, às vezes, com muita empiria”. Para Pinheiro e Giordan (2010), embora algumas dessas práticas sejam realizadas sem entendimento do porquê dos procedimentos, baseando-se em crenças e opiniões, outro grupo de saberes é construído por explicações mais elaboradas, apropriando-se de outros conhecimentos. Dessa forma, os saberes populares podem ser vistos como um conjunto de conhecimentos elaborados por pequenos grupos (famílias, comunidades), fundamentados em experiências ou em crenças e superstições, e transmitidos de um indivíduo para outro, principalmente por meio da linguagem oral e dos gestos.

Lopes (1993) diz que o saber popular é produzido por grupos específicos, não permeando a sociedade como um todo. O saber popular é múltiplo, no sentido que é diferente para cada comunidade: “enquanto o senso comum aponta para a universalidade e para a uniformidade, o saber popular aponta para especificidade e para a diversidade” (p. 15).

Os saberes populares são apontados como conhecimentos “à margem das instituições formais” (LOPES, 1999). Na escola, a cultura dominante é transmitida como algo natural, sem ser questionada e os saberes primitivos dificilmente são valorizados, já que não são validados pela academia. Entretanto, alguns autores como Chassot (2006), Gondim (2007) e Giordan (2010) têm assinalado como função da escola atual o reconhecimento dos saberes existentes nas práticas cotidianas de uma parcela da população que, muitas vezes, não é vista como detentora do saber. Trata-se de um processo de desconstrução do paradigma de uma única forma de explorar novas possibilidades – e é nesse parâmetro que são inseridos os saberes e as artes populares do reisado, numa mistura de sentimentos de valorização e reconhecimento cultural no contexto atual.

3. ARTE E SABERES DO REISADO ZÉ DE MOURA

O reisado é considerado uma das tradições populares mais ricas e apreciadas do folclore brasileiro, principalmente na região Nordeste. Ele chegou ao Brasil através dos colonizadores portugueses, que ainda conservam a tradição em suas pequenas aldeias, celebrando o nascimento do Menino Jesus. É formado por um grupo de músicos, cantores e dançarinos que percorrem as ruas da cidade e até as propriedades rurais, de porta em porta, anunciando a chegada do Messias, pedindo prendas e fazendo louvações aos donos das casas por onde passam.

Apresenta-se em diversas modalidades e é composto de várias partes: a abertura ou abrigo de porta, entrada, louvação ao Divino, chamadas do rei, peças de sala, danças, guerras, as sortes e encerramento da função.

A música está sempre presente. O Mestre é solista, sendo respondido pelo coro e duas vozes. Os instrumentos utilizados alternadamente são: a sanfona, o tambor, o zabumba, a viola, a rebeca ou violão, o ganzá, pandeiros, pífanos e os “maracás”, chocalhos feitos de lata, enfeitados com fitas coloridas.

Figura 3. Damas do Reisado



Fonte: Arquivo particular

Uma das principais características do reisado são os trajes usados pelos participantes, em geral roupas muito coloridas, chapéus, fitas e espelhados.

A festa é com um teatro de rua, ou auto popular, em que as crianças e adultos (ou brincantes) se fantasiam para homenagear os três Reis Magos: Gaspar, Melchior e Baltazar, que levaram ouro, incenso e mirra ao Menino Jesus. Para os brincantes, a tradição é um verdadeiro brinquedo que é passado de geração para geração. Sua comemoração começa à véspera do Dia de Santos Reis. No período de 24 de dezembro a 6 de janeiro, grupos formados por músicos cantores e dançarinos vão de porta em porta anunciando a chegada do Messias e fazendo louvações aos donos das casas por onde passam e dançam (ANDRADE, 1982).

Figura 4. Os caboclos



Fonte: Arquivo particular

O reisado no município de Poço José de Moura (PB) é visto como uma manifestação cultural deixada pelo místico José de Moura desde o ano de 1920, onde o mesmo tinha um grupo e brincava nas residências de seus amigos e compadres. No tempo de Zé de Moura, tal elemento cultural era composto da seguinte forma:

- 1) Os galantes eram rapazes caracterizados com roupas enfeitadas de fitas todas coloridas e as damas eram meninos caracterizados de mulher, também com roupas bem enfeitadas. Tanto os galantes quanto as damas usavam máscara e cantavam suas entoadas conforme o evento. Os versos eram de autoria de José de Moura. Além de cantarem, declamarem versos e dançarem, os integrantes participavam de um teatro sempre presente no palco ou no terreiro onde a brincadeira acontecia.
- 2) Também tinham os caboclos ou Mateus, que são homens com máscara de couro. Sempre a brincadeira iniciava com eles, pois a sua função era chamar a atenção do público de forma bem animada e divertida, cantando versos até com rimas quebradas, e sempre atuando no palco ou terreiro.

Figura 5. A representação do Rei

Fonte: Arquivo particular

3) A figura do Rei comandava toda a brincadeira, do começo até o fim da apresentação. A Caipora chegava dançando e só parava quando alguém lhe presenteasse com um cigarro. O Diabo assustava os caboclos e a caipora. E a Besta, uma espécie de cavalo de pau que acabava a brincadeira, onde tinha a função de colocar o povo para levantar-se, pois já estava na hora de todos irem embora.

4) Outras figuras (animais) importantes no Grupo estavam presentes, como a burrinha (que dança acompanhada pelos caboclos, sempre enfeitada, dançando, dando galope e chamando a atenção na plateia), o Jaraguá (uma espécie de animal pré-histórico, tendo a função de amedrontar os caboclos, brincar com as crianças e todo o público em geral) e o boi (que entra dançando e depois, morto, é vendido aos presentes pelos caboclos; em seguida, os caboclos começam a chorar e fazem promessa – pedidos – para o boi ressuscitar, e o sanfoneiro começa a tocar um baião, até que o boi começa a se levantar e a dançar). Todos os momentos da apresentação do grupo eram acompanhados pela banda musical, composta por sanfona, zabumba e triângulo.

Esse Reisado esteve ativo sobre o comando de José de Moura até o ano de 1964, onde o mesmo fez a sua apresentação na cidade de Cajazeiras (PB) em comemoração ao centenário daquela cidade. Na memória dos mais antigos, os galantes, as damas e os caboclos usavam microfones da Rádio Difusora de Cajazeiras para cantar suas entoadas.

Todavia, esta foi a última apresentação feita por José de Moura. O Reisado Zé de Moura, por um período de 24 anos adormeceu, ficou apenas nas lembranças e na memória de seus familiares e amigos.

Em 1988, ano que José de Moura faria o centenário de seu nascimento, um dos seus sobrinhos resolveu resgatar a memória do Reisado, o senhor José Braz Torres, que tinha sido um dos integrantes do grupo originário.

Figura 6. O grupo de Reisado



Fonte: Arquivo particular

José Braz Torres, conhecido como Zé de Epifânio, convidou a professora Florentina Gonçalves para resgatar o Reisado. Fizeram algumas pesquisas com alguns membros que tinham brincado no tempo de José de Moura e montaram o Reisado com a ajuda da comunidade católica e de alguns caboclos que ainda estavam vivos, e se apresentaram no dia 13 de outubro de 1988, data do aniversário de Zé de Moura. Toda a comunidade de Poço José de Moura compareceu a este evento, até a escritora Rosilda Cartaxo, que era uma das pessoas que admirava o Reisado de Zé de Moura nos anos de sua formação original.

Figura 7. Os animais do Reisado



Fonte: Arquivo particular

Poucos anos depois, morre o senhor José Braz Torres (Zé de Epifânio) e o Reisado torna a adormecer outra vez. Só que desta vez foi por pouco tempo, pois a comunidade desejava que o Reisado ficasse ativo, assumindo o comando o filho de Zé de Epifânio, o senhor José Vandervan, que resolveu tomar a direção do Reisado e seguiu-o em frente, quatro anos após a última apresentação.

No ano de 1992, um grupo de jovens, juntamente com José Vandervan, organizou um show cultural em frente à Igreja de São Geraldo Majella, na cidade de Poço de José de Moura e foi considerado o maior sucesso. Apesar de não ter nenhum recurso para o figurino do grupo, a comunidade deu o maior apoio.

No ano de 1988, o grupo conseguiu o apoio da Prefeitura Municipal de Poço de José de Moura, pois tinha conseguido a sua emancipação política e estava incentivando a cultura através da Secretaria de Educação, na época sob o comando do senhor Francisco Walmy Quaresma.

Figura 8. A burrinha do Reisado



Fonte: Arquivo particular

O grupo foi crescendo com o apoio do poder público e no ano de 2006 recebeu um figurino doado pela então prefeita Aurileide Egídio de Moura. Um figurino completo para as figuras dos animais, caboclos, damas e galantes, e até houve a doação de microfones sem fio ao grupo. Isso foi um incentivo e deu ânimo ao grupo. A partir desse momento o grupo de Reisado foi à frente e começou a se apresentar nas cidades vizinhas e nas comunidades rurais, mostrando a verdadeira cultura popular do povo nordestino.

No ano de 2009, o grupo de Reisado criou a Associação de Reisados Zé de Moura, onde passou a se inscrever e concorrer em vários projetos culturais. E foi contemplado, um deles para fazer na cidade de Poço José de Moura a I Mostra de Reisado no Sertão Paraibano.

Em seguida recebeu o Prêmio Mazarope e, por último, ganhou investimentos do Projeto do Fundo de Investimentos Culturais (FIC), ligado ao Fundo de Incentivo à Cultura, para serem feitas apresentações itinerantes nas cidades do sertão Paraibano.

O Grupo de Reisado Zé de Moura atualmente conta com 35 integrantes, composto de idosos, jovens, pré-adolescentes e crianças. No ano de 2016 foram participar do 52º Festival Nacional de Cultura Popular na cidade de Olímpia (SP), representando o estado da Paraíba.

Figura 9. O Reisado em Olímpia



Fonte: Arquivo particular

Sempre estão brincando, seja em eventos sociais, culturais ou religiosos. Mas o maior encontro é com o povo da cidade de Poço José de Moura, onde acontece a Festa de Santos Reis e o grupo sai de casa em casa arrecadando dinheiro, dançando, fazendo alegria do povo. No período de 02 de janeiro a 06 de janeiro o grupo de reisado está em festa. E não para, pois os seus saberes são transmitidos por meio de cantos e danças àqueles presentes em suas apresentações, seja na própria Paraíba ou fora dela, perpetuando a tradição popular ao mesmo tempo em que inova, com a inserção de novos personagens e figurinos.

4. A MINHA HISTÓRIA NO REISADO ZÉ DE MOURA EM VERSOS

Figura 10. Grupo de Reisado atual



Fonte: Arquivo particular

A seguir, é apresentada a minha história no Grupo de Reisado Zé de Moura, na forma de versos, numa construção comum e essencial de serem apresentados os saberes populares desse elemento cultural do sertão paraibano.

I

Eu agora vou falar

E peço muita atenção

Vou contar uma experiência

Que nos sirva de lição

Do Reisado Zé de Moura

Que é cultura do sertão.

II

Eu me chamo Auricelia

E tenho admiração

Por ser desta terrinha

A Princesa do Sertão

Poço de José de Moura

Terra do meu coração.

III

O Reisado Zé de Moura

Hoje é uma associação

Que vive se apresentando

Nas cidades do sertão

Cantando e encantando a todos

É um grupo de união.

E o povo deste lugar.

IV

Este grupo já existe
Com 100 anos de tradição
Eu que faço parte dele
Tenho orgulho de montão
Pois apresenta uma cultura
Que é de chamar atenção.

VII

No Reisado Zé de Moura
Você brilha até demais
Pelo canto, pela dança
E também os animais
Pelo Rei e pela Dama
Que brincam e são legais.

V

Para entrar neste grupo
É feito um teste de voz
Você sendo aprovada
É igual uma porta voz
Que vai brilhar nas cidades
Com uma fama de veroz.

VIII

Desde a minha adolescência
Que comecei a participar
Do Reisado Zé de Moura
Que é cultura popular
Quando recebe o convite
Sempre vai abrilhantar.

VI

Depois de feito o teste
Comecei a participar
Do Reisado Zé de Moura
Que é cultura popular
Que anima a criançada

IX

Falar de aprendizagem
Não deixa a desejar
Pois ensina passo a passo
O que se vai dançar
E quando chega a hora

Todos vão se apresentar.

Não tem lugar pra sentar.

X

Eu aprendi a cantar
 Numa forma de canção
 Canto versos e entoadas
 Não tenho vergonha não
 Pois o grupo de Reisado
 Brilha muito no sertão.

XIII

Em cada apresentação
 Eu me esforço pra valer
 Decoro bem os meus versos
 Para eu não esquecer
 E a plateia se anima
 E nos faz envaidecer.

XI

Dança o boi, dança a burrinha
 E também o Jaraguá
 A bandinha do Reisado
 Nunca para de tocar
 Alegando o público alvo
 Que gosta de ovacionar.

XIV

Na comunidade rural
 O povo gosta demais
 Quando o Reisado chega
 Cada um que gosta mais
 Pois sabem que o Reisado
 Vai mexer com os normais.

XII

O Reisado se apresenta
 Onde você imaginar
 De Cajazeiras a Patos
 O brilho está no ar
 Quando o Reisado chega

XV

Tem apresentações religiosas
 E também as sociais
 Os versos são todos feitos
 Dependendo dos locais
 Mexendo com o público alvo

Dentro das linhas gerais.

Todos vão se divertir.

XVI

XIX

Tem gente que não entende

Pra ensinar os novatos

E não gosta de aceitar

Temos que ter paciência

A brincadeira do Reisado

Onde esses candidatos

Que o povo vai gozar

Chegam com grande influência

Quando mexe com uma pessoa

Fazendo todos os passos

Que é séria no lugar.

Com uma larga abrangência.

XVII

XX

Após as apresentações

Ensinar para as crianças

Um lanche vai ser servido

A facilidade é grande

Tem lanche de todo jeito

Elas pegam rapidinho

Disto eu nem duvido

Que a beleza se expande

Mais servem um sanduiche

Quando você verifica

Que é muito divertido.

Elas já sabem aonde.

XVIII

XXI

Os micos das apresentações

Ensinar para os adultos

Não tem como você fingir

O trabalho é bem dobrado

Quando um esquece o verso

Demora a pegar os passos

E ninguém não pode rir

E ficam bem acanhados

Mais na volta da viagem

Não se soltam na dança

E são todos enjoados.

XXII

Cantamos pra empresários

Deputados e vereador

Pra Bispo, padres e freiras

E também pra professor

Pra frades e violeiros

E também para o doutor.

XXIII

Em festa religiosa

Cantamos para o vigário

Pra rapazes, moças e donzelas

Para os funcionários

Mais todos estão atentos

As cantigas do Reisado.

XXIV

E na parte social

Estamos também presente

O povo que acha bom

E ninguém fica doente

Quando o Reisado aparece

Chega um tumulto de gente.

XXV

O Reisado é alegria

Tristeza aqui não há

Vai João e vai Maria

Que a festa vai começar

Com o Reisado Zé de Moura

Que não cansam de olhar.

XXVI

O Reisado é importante

Todos podem observar

É uma cultura da terra

Creio que outra não há

Pois brinca e mexe com o público

Que não para de brilhar.

XXVII

O Poço José de Moura

Princesinha do Sertão

É considerada na cultura

A mais importante do sertão

Tem Reisado, xaxado, bandas e violas

Que causam admiração.

Somos intelectuais.

XXVIII

XXXI

Eu sou dama no Reisado
Canto, danço e interpreto
Não tenho vergonha de nada
Pois gosto é do sucesso
Em cada apresentação
Eu só vejo o meu progresso.

O José Alves de Moura
Quem deixou esta cultura
Pois brincava no Reisado
Sendo personagem a Burra
Dançava e se peneirava
Fazendo as travessuras.

XXIX

XXXII

O meu grupo é formado
Por quarenta componentes
É uma cultura viva
E nos deixa confidentes
Pois este grupo de Reisado
Ele é muito consciente.

As danças do reisado
São de chamar atenção
Eu aprendo facilmente
Com toda dedicação
Pois dançar bem no reisado
Liberta minha expressão.

XXX

XXXIII

As roupas são um destaque
Com brilho e tudo mais
As coroas são tão lindas
Que nunca vi tão iguais
Quando estamos arrumadas

Tem a parte da burrinha
Que me chama atenção
Ela dança tão bacana
No reisado do sertão
E nesta hora as damas

Cantam pra animar o salão.

Pelo amor de ninguém.

XXXIV

XXXVII

E o boi pomposo dança

O canto do reisado

E encanta o povão

É bonito pra valer

Os caboclos gritam e choram

Dependendo do contexto

Quando o boi cai no chão

Que o grupo vai fazer

Fazendo suas promessas

Em cada apresentação

Até com São Sebastião

Que nos faz enriquecer.

XXXV

XXXVII

Tem o pra trás que te atiro

Ele fala do assunto

E o pra trás que te atirei

Que a comunidade pede

Cada galante e dama

Pode ser religioso ou até o social

Cantam o verso de uma vez

O importante pra ele

Mexendo com o público alvo

Depende do seu ancestral

Que causam uma altivez.

Animando a galera

E também o pessoal.

XXXVI

XXXVIII

Sou do grupo há muito tempo

Vou falar de um personagem

Pois o mesmo me faz bem

Que vai se apresentar

Gosto muito da cultura

Vestido todo de alma

E do reisado também

Não deixo esse meu grupo

Que o povo vai se assustar

E depois surge um cravo
Que o povo vai gostar.

XXXIX

Esta alma representada
Sou eu que vou fazer
Que eu não fique assustada
Com o que vai acontecer
Que no final das contas
Eu não venha esmorecer.

XL

No palco eu não percebo
O que o povo possa dizer
Mas quando termina tudo
Só tenho a agradecer
Por mais uma apresentação
Que deu certo pra valer.

XLI

Na hora que a alma chega
A surpresa é geral
Pois nunca tinham visto
E a surpresa é geral

O diabo querendo a alma
De um jeito especial.

XLII

Mas a alma toda esperta
Rebolando sem parar
O diabo querendo ela
Mas o medo dele levar
Acaba o diabo indo embora
E a alma a bailar.

XLIII

Depois quando a alma sai
Outro personagem virar
Eu vestida de um cravo
E doida pra namorar
Mais os galantes me olham
E eu começo a dançar.

XLIV

Em seguida entra as damas
Se aproximam do salão
E vão ficar com ciúmes
Porque o cravo chama atenção

Elas seguram os galantes
E eu fico sem noção.

XLV

O cravo muito triste
Não consegui namorar não
Pois as damas não deixaram
Ela pegar eles então
Ela fica tão tristonha
Com cara de solidão.

XLVI

Em tudo que participo
Gosto de representar
E quando é a cultura da terra
Deixada neste lugar
Pelo místico Zé de Moura
Fundador deste lugar.

XLVII

Na bandinha do reisado
Vou aqui parabenizar
Pois no ritmo animado
Que o povo começa a dançar

Vou deixar o meu convite
Para quem quiser contratar.

XLVIII

Não esqueço de contar
O que foi que aconteceu
Com o grupo de reisado
Que um dia se perdeu
Quando foi a Vieiropólis
E neste dia choveu.

XLIX

Chegando a Vieiropólis
Era trovão pra valer
O relâmpago clareava
Deu vontade de correr
Mas cantamos no ginásio
Para o povo conhecer.

L

Esse grupo tem história
Pois é uma tradição
Canta para o público variado
Pra criança e ancião

Pois viva a nossa cultura
Do reisado do sertão.

LI

Eu agora vou encerrar
Esses versos com prazer
Quem tiver curiosidade
Procure ler e entender
Eu escrevi para todos
No meu modo de dizer.

LII

Aqui termino os versos

E peço desculpa então
Quem gostou que bata palmas
Do meu grupo queridão
Na terrinha da cultura
Princesinha do Sertão.

LIII

Agora eu finalizo
Deixando os parabéns
Ao meu orientador Fábio
Que não tem pra mais ninguém
E também ao mestre Richardson
Pessoas que quero bem.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O reisado traz uma vasta bagagem de experiências e vivências positivas e construtivas no dia a dia daqueles que participam dessa manifestação cultural. O reisado mexe com o público em geral, seja criança, jovem ou idoso, de uma forma interessante e que ninguém fica chateado ou magoado com as suas entoadas.

Os saberes são transmitidos em cada apresentação, seja religiosa ou social, de acordo com o momento em que se apresenta. E na ótica dos integrantes, é contagiante e prazeroso fazer parte do Grupo de Reisado Zé de Moura, grupo cultural que tem uma grandiosa história e que hoje passa dos limites locais de apresentação, inicialmente nas comunidades rurais e urbanas do sertão paraibano.

No reisado aprendem-se desde criança valores como o respeito, o compromisso e a responsabilidade. Participa quem ama a cultura popular, pois todos fazem o trabalho voluntário e com muita vontade e garra de fazer com que o público se sinta feliz.

Os saberes no Grupo de Reisado Zé de Moura são inúmeros, passados de um modo não formal e que requerem a atenção de todos para se entender a mensagem que se quer passar em cada espaço de apresentação. Procura-se, pois, sempre valorizar as tradições e os costumes deixados pelo fundador do grupo, José Alves de Moura. A partir do momento que o grupo é convidado para uma apresentação, iniciam-se os ensaios, pois o grupo gosta de representar bem, com segurança as suas cantigas e danças ao público, mas sem esquecer o importante traço que chama a atenção por onde passa: a sua humildade e confiança na transmissão da cultura popular.

Portanto, vale ressaltar que em cada espaço que o reisado se apresenta, deixa uma mensagem a cada cidadão ou cidadã que veio prestigiar a cultura popular. É um trabalho com significados importantes, com grandes saberes e momentos contagiantes.

Como integrante há anos, aprendi muito com o grupo, principalmente a valorizar a nossa cultura e, num jogo que vai de geração em geração, me sinto como peça na transmissão de saberes e novas experiências em cada espaço onde somos convidados a nos apresentar. E, enfim, falar do reisado é viver o presente e reviver o passado, fazendo emocionar aqueles que admiram o Grupo de Reisado Zé de Moura, com os seus saberes e talentos, cantando e encantando a todos numa linguagem popular.

6. REFERÊNCIAS

- ABREU, M. **Cultura popular um conceito e várias histórias**. Casa da Palavra, Rio de Janeiro (2003): 83- 102.
- ALMEIDA, M. A.; GUTIERREZ, G. L. **Subsídios teóricos do conceito cultura para entender o lazer e suas políticas públicas**. Casa da Palavra, Rio de Janeiro (2003): 83- 102.
- ALVES, R. **A alegria de ensinar**. São Paulo: ARS Poetica Editorial, 1994.
- ANDRADE, M. **As danças dramáticas do Brasil**. 2.ed. São Paulo: Itatiaia/Instituto Nacional do Livro/Fundação Nacional Pró-Memória, 1982. Tomos I, II e III.
- BOEHS, A. E. **A interface necessária entre enfermagem, educação em saúde e o contexto da cultura**. Texto & Contexto Enfermagem 16.2 (2007): 307- 14.
- BOSI, E. **Cultura de massa, cultura popular**. Petrópolis: Vozes, 1986.
- CANCLINI, N. **Culturas híbridas**. São Paulo, Edusp, 1997.
- CAZELLI, S. **Divulgação científica em espaços não formais**. In: Anais do XXIV Congresso da Sociedade de Zoológico do Brasil, p. 10-20, Belo Horizonte, 2000.
- CHASSOT, A. **Saberes populares fazendo-se saberes escolares: uma alternativa para alfabetização científica**. In: Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul, 5, 2004, Curitiba, 2004.
- _____. **Alfabetização científica: questões e desafios para a educação**. 4.ed. Ijuí: Unijuí, 2006.
- ELIAS, N. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1984.
- GADOTTI, M. **A questão da educação formal/não formal**. São Paulo: Autores Associados, 2005.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- GOHN, M. G. **Educação não formal e cultura política: impactos sobre o associativismo do terceiro setor**. São Paulo: Cortez, 1999.
- MARONDINO, M. **A educação não formal e a divulgação científica: o que pensa quem faz**. Atas do IV Encontro Nacional de Pesquisa em Ensino de Ciências (2004).

MORIN, E. **Cultura de massa no século XX: neurose.** 9.ed.. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

SELLTIZ, C.. WRIGHTSMAN, L. S; COOK, S. W. **Métodos de pesquisas das Relações Sociais.** São Paulo: Herder, 1965.

TRIVINOS, A. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

XAVIER, P.; FLÔR, C. C. **Saberes populares e educação científica: Um olhar a partir da Literatura na área do ensino das ciências.** Ensino Pesquisa em Educação em Ciências (Belo Horizonte) 17.2 (2015): 308- 328.

YNV, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos.** 2 ed. Porto Alegre: Bookmanm, 2001.